
Notas Bibliográficas

FABRI DOS ANJOS, Márcio (org.): *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Loyola, 1996. 189 pp., 21 x 14 cm. Co-edição: SOTER ISBN 85-15-01379-7

Em preparação à assembléia anual da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), seu atual presidente coordenou a publicação desta obra que visava preparar a temática daquele evento. A introdução (9-14), escrita pelo organizador, situa a problemática e a intenção dos diversos artigos.

Os dois primeiros artigos informam sobre a problemática subjacente ao título, apresentando o conceito de paradigma (Luiz Bernardo *Leite Araújo*: 15-33) e os diversos modelos que se sucederam na história da teologia (J. B. *Libânio*: 35-48).

Leite Araújo, depois de boa e concisa informação sobre o debate a respeito do conceito de paradigma (Kuhn — Popper — Lakatos), faz considerações sobre os paradigmas no contexto da filosofia, apontando esquematicamente os três "paradigmas" predominantes nos pensamentos pré-moderno, moderno e contemporâneo: o ontológico (ser), o mentalista (consciência), o lingüístico (comunicação). Lançando uma ponte para a teologia, conclui com a pergunta sobre a capacidade de ela aceitar o desafio do diálogo dentro da própria tradição teológica, com outras tradições religiosas e com o pensamento secular, seguindo o novo paradigma da "ação comunicativa", em que ela mesma, ainda que não o saiba, já se encontra inevitavelmente imersa (33).

Libânio encontra na história da teologia uma sucessão de nove paradigmas (num sentido amplo da palavra): do sagrado, gnóstico-sapiencial, do ser-essência, da subjetividade, existencial, da história, da práxis, da linguagem, da narração, da holística. Seu texto quer ser "provocativo", "sintético, conciso e provisório" (48) e o A. promete desenvolvê-lo em seu livro *Introdução à Teologia*, agora já publicado (juntamente com Afonso Murad, São Paulo: Loyola, 1996). O recenseador julga impróprio o uso da qualificação "gnóstico" para o pensamento patrístico, mesmo que a "gnóstico" se pessegue o adjetivo "sapiencial". "Gnose" tem um conhecido subtom pejorativo que conviria evitar para os grandes Padres da Igreja.

Os três artigos seguintes tratam das transformações da teologia latino-americana. Paulo Fernando *Carneiro de Andrade* (49-62) oferece uma magnífica descrição do que vem acontecendo na atualidade como sintoma da crise da modernidade e reação a esta, procurando sugerir como os novos paradigmas podem e devem ser assumidos pela teologia da libertação, para que "renovando-se, continue atual e sempre fiel à sua originalidade de ser uma teologia que se enraíza na e uma teologia que se propõe a interpretar e julgar a realidade concreta à luz da fé para então transformá-la" (62).

Rogério *Valle* (63-74) estuda as profundas transformações que sofre na atualidade o mundo do trabalho que passa a exigir um constante e complexo processo de aprendizagem. Relacionando as transformações no mundo do trabalho com as transformações culturais, o A. sugere que não há porque a teologia opor o louvor do Criador à justiça social.

Leonardo *Boff* (75-88), num artigo muito instrutivo, procura mostrar a unidade entre o paradigma liberacionista e o ecológico: o pobre é o ser mais ameaçado da criação.

O seguinte trabalho aborda um aspecto da questão do sujeito social da teologia. Maria José Fontes *Rosado Nunes* (88-104), desde um ponto de vista sociológico, alerta para as questões de gênero (ou seja, a questão das relações sociais entre os sexos) como chave de leitura para pensar as relações nos campos do saber, poder e religião. Critica, com razão, o fato de que em teologia e na sociologia das religiões "tudo se passa como se o fato de ser uma mulher ou um homem — compreendidos aqui enquanto grupos sociais —, de pertencer à raça negra ou branca não acrescentasse nada à análise sociológica ou à reflexão de fé" (100).

Três artigos consideram a importância de novos paradigmas para áreas específicas da teologia. Faustino *Teixeira* (105-133) brinda os leitores com um interessantíssimo artigo sobre a contribuição do diálogo inter-religioso para a criação de novos paradigmas na teologia. Na visão de um inclusivismo aberto, a perspectiva cristã se enriquece com o reconhecimento da existência de uma complementaridade entre as religiões. Entretanto, disposição ao diálogo não significa indiferentismo ou relativismo. "É bom ter abertas as janelas da mente, sempre e quando esta também tiver paredes" (S. H. Nasr).

Etienne A. *Higuet* (135-158) pergunta pelos tipos de instrumental que antropologias teológicas (relativamente) recentes tomam de empréstimo à filosofia e às ciências. Analisa B. Mondin, González-Faus, J. Comblin, García Rubio, traçando os pontos comuns. Saliencia também a perspectiva de alguns humanismos emergentes (liberacionista, ecológico, holístico, feminista).

Márcio *Fabri dos Anjos* (159-176), abordando a questão da ética teológica, em vez de falar de paradigmas, prefere falar de encruzilhadas. Responsabilidade, situação, condição, eficiência, resistência, alteridade, gratuidade são alguns dos conceitos-chave que permitem identificar as encruzilhadas.

O artigo de Benedito *Ferraro* (177-189) serve de conclusão. Indica que a função da teologia na crise de referenciais, utopias e esperanças que todos

vivemos, é debruçar-se sobre alguns pontos de fundamental importância para este momento histórico: a questão da exclusão social, a resposta à busca de sentido para a vida, a reconstrução das utopias e da esperança, a criação de comunidades. É uma abordagem na perspectiva da opção pelos pobres no horizonte da implantação do neoliberalismo.

Como se vê, um livro instrutivo, instigador que vale a pena ser lido.

FT

RIUS-CAMPS, Josep: *O Evangelho de Lucas*. O êxodo do homem livre. Tradução (do espanhol) João Rezende Costa. São Paulo, Paulus, 1995. 363pp., 20 x 13 cm. Coleção comentários bíblicos. ISBN 85-349-0279-8

Há vários tipos de comentários sobre os evangelhos. Uns destacam-se pelo caráter científico. Escritos por especialistas em exegese, eles fazem estudo aprimorado do texto com análises filológicas, gramaticais, semânticas, histórico-críticas, etc. Há outros que supõem esse trabalho já feito por outros. Baseiam-se neles e constroem comentários mais espirituais e pastorais. Poucam o leitor das cargas técnicas e vão direto aos resultados confiáveis.

Este presente livro inscreve-se no segundo tipo de comentários bíblicos. Apóia-se em estudos sérios, mas não apresenta os seus aparatos científicos. Isso não quer dizer que não tenha certo rigor, mesmo que a intenção seja estritamente pastoral. A qualidade principal do comentário de Rius-Camps é recuperar o espírito primeiro da Escritura. Ser um livro da comunidade para a comunidade. Nasceu de dentro da fé de uma comunidade onde um hagiógrafo inspirado escreve para seus irmãos na fé.

Desta sorte, esse livro nasce de uma experiência comunitária concreta, vivida na ermida de Sant Pere de Reixac, na Catalunha. Conjuga um esforço de penetração do próprio texto de Lucas nos seus aspectos literários, redacionais e históricos, captando em profundidade o que as primeiras comunidades queriam dizer, com a preocupação de vivenciá-lo no contexto de hoje. Apresenta abundantes conhecimentos do ambiente social, político, econômico e religioso da época a fim de entender o sentido da vida de Jesus, relatado no evangelho. É o olhar para o passado.

Doutro lado, o A. busca ter um olhar sobre a realidade presente. Para isso, em reuniões mensais, acompanhadas de celebrações, fazia-se verdadeira catequese sobre o evangelho. Este livro é fruto de cinco anos dessa catequese, em que a partir de textos escritos anteriormente dados, estabeleciam-se discussões e reflexões. Estas foram incorporadas na redação final, depois traduzida ao castelhano com retoques necessários. Sobre essa tradução baseia-se a presente.

O livro apresenta certa originalidade na própria estruturação do evangelho de Lucas. Normalmente ele é organizado a partir da viagem de Jesus a Jerusalém. Esta ocupa, sem dúvida, sua importância. No entanto, dedica uma boa primeira parte mostrando como Lucas introduz o leitor nos quatro primeiros capítulos, apresentando os dois personagens João e Jesus (cc. 1 e 2) e depois descrevendo-lhes a missão (cc. 3 e 4). Em seguida, mostra o chamado do Israel histórico (c. 5 e 6,11). Uma seção trata da identidade de Jesus em relação ao Novo Israel, ao programa do Reino, a aspectos de sua prática (cc. 6,12-9,50). Depois vem a longa seção dedicada à viagem de Jesus a Jerusalém, dado fundamental do evangelho de Lucas (9,51-19,46). As partes finais giram em torno do conflito de Jesus até a sua morte e sua ressurreição.

É uma leitura viva. Oferece material para meditação e oração, ligada ao contexto de nossa práxis. Ilumina o texto evangélico com muita informação atualizada, com intuições originais, com estilo forte e expressivo. Chamo a atenção do leitor para a beleza e expressividade dos títulos e subtítulos dados ao texto do Evangelho. Só eles já são um convite à compreensão atualizada.

Deixo aos exegetas o juízo mais técnico das opções feitas. No entanto, posso recomendá-lo como fonte de conhecimento e aprofundamento do evangelho de Lucas.

JBL

MESLIN, Michel: *A experiência humana do divino*. Fundamentos de uma antropologia religiosa. Tradução (do francês) Orlando dos Reis. Petrópolis, Vozes, 1992. 360pp., 21 x 14 cm. ISBN 85.326.0782-9

Esta é a tradução de um livro publicado em 1988. Obra importante. Merece, portanto, consignar sua tradução como algo fundamental para a antropologia e psicologia religiosa. Vivemos no momento atual um ressurgir do fenômeno religioso. Depois dos anúncios secularizantes dos finais da década de 60, fomos surpreendidos por essa avalanche religiosa. Nesses momentos, nada melhor que voltar a obras sérias e profundas como a presente. Depois de apresentar as noções fundamentais de religião, de sagrado, de experiência religiosa, o A. traça-nos os quadros culturais da experiência religiosa: as ações rituais, a função dos símbolos religiosos e as relações entre religiões e culturas. Numa terceira parte, o A. estuda a relação entre psicologia humana e experiência religiosa.

É uma obra que se baseia em longas e profundas pesquisas além de debates teóricos com ramos afins. Por isso, reflete enorme grau de maturidade e de seriedade científica. A tese central de que o sagrado só se capta

no interior da experiência humana resulta dos estudos efetuados pelo A. e expostos nesse livro. Daí se segue que a experiência religiosa só se entende desde o concreto das pessoas que a vivenciam no interior de suas religiões. Aparece claramente a dificuldade de alguém entrar no mundo alheio sem que o reduza às suas próprias compreensões, deformando-o com suas análises. No entanto, o caminho da análise das religiões é captá-las por suas manifestações. E é possível perceber nas diferenças das experiências religiosas estruturas que se encontram mais ou menos idênticas. Há uma permanência nas diferenças que permite um estudo sistematizado das experiências religiosas. Tal estudo remete, entretanto, ao estudo do ser humano na sua condição de ser religioso. O A. pretende, pois, estudar o que seja a experiência humana do divino. Vale a pena entrar nesse estudo sério e exigente que oferece amplo material para compreender o momento religioso. Adquire especial atualidade.

JBL

DE LOIJO, Cecília Amaro: *A vida é para ser curtida*. Reduza seu stress. São Caetano do Sul, Ateliê, 1997, 119pp., 18 x 15 cm. ISBN 85-85851-30-9

Este pequeno livro nasceu da vida e experiência de uma médica que teve de conviver com grave situação de stress e superou-a. Aproveitando dos resultados positivos dos procedimentos que se autoaplicou, procura nesse trabalho comunicá-los a outros. A A. está realmente credenciada para escrever esta obra por um conjunto de circunstâncias e uma formação plural. Além da já mencionada situação existencial, a A. tem uma formação profissional em medicina que lhe possibilitou conhecer melhor os meandros biopsíquicos do stress. Como o problema pode encontrar no campo espiritual enorme ajuda, ela freqüentou diversas experiências religiosas, tanto judaico-cristãs, como zen-budistas. Alimentou-se também de correntes espiritualistas e psicológicas de Frankl, Aaron Beck, Ellis, sem falar do aprendizado junto à pessoa do médico clínico Alberto Chauí que a assistiu em seu tratamento.

Como ela escreve para um público heterogêneo, toda vez que se refere a uma prática tipicamente religiosa, menciona também a alternativa para quem não participa da mesma fé. Com isso, nenhum leitor está *a priori* excluído.

A natureza do livro exige mais que simples leitura, por sinal leve, agradável e relativamente curta. O leitor é convidado a examinar-se, a fazer um autodiagnóstico e iniciar ele mesmo exercícios que sirvam para reduzir seu stress. O livro conjuga indicações de cunho mais científico com outras tiradas da experiência e de sadio bom senso. Procura corrigir atitudes equivocadas que a cultura ocidental e especialmente a vida moderna atual tem criado nas pessoas.

Certamente poderá ajudar preventiva e curativamente a muitas pessoas com técnicas e exercícios bem simples e acessíveis. Trata-se fundamentalmente de levar o stressado ou o candidato ao stress a mudar de atitude de vida, de modo especial em relação a si mesmo, a sua autoestima, a seu corpo, ao sentido de sua vida. O livro sugere uma série de exercícios e de pequenos questionários a fim de permitir ao leitor um melhor conhecimento de si, de sua situação de stress e de como reduzi-lo. Ele vem bem a calhar nos dias de hoje, servindo de antídoto a tantos fatores stressantes.

JBL

BIRCK, Bruno Odélio: *O Sagrado em Rudolf Ott*. Porto Alegre, Edipucrs, 1993. 164 pp. (Coleção Filosofia; 7).

Antes de Husserl ter sido consagrado pelo seu método fenomenológico, R. Ott tinha escrito uma obra grandiosa, *Das Heilige* (1917), sobre o estudo do Sagrado numa verdadeira perspectiva fenomenológica. Sobre a obra desse pastor protestante, teólogo e escritor clássico da Filosofia da Religião, o A. escreve sua dissertação, analisando, de maneira filosófica, a possibilidade de relação do elemento não-racional com o racional na sua idéia de Sagrado.

Num primeiro capítulo, apresenta a descrição que R. Ott faz do numinoso como "mysterium tremendum et fascinans". O "mysterium" é o "totalmente outro" (*das ganz Andere*), o "tremendum" é o seu lado repulsivo, terrificante e o "fascinans" representa o seu lado atrativo. No mistério acontece estranha harmonia entre esses elementos contrastantes.

Para Ott, o numinoso não é captável de maneira conceitual. O divino manifesta-se no sentimento religioso que pode ser submetido a uma análise psicológica. Birck quer demonstrar no seu livro que, na verdade, Ott faz uma análise fenomenológica e não psicológica, já que a descrição da consciência religiosa se enquadra na concepção de uma consciência intencional, fundamento do método fenomenológico de Husserl. Num segundo capítulo, o A. intenta demonstrar que R. Ott aplicou incorretamente a teoria do esquematismo de Kant, já que Ott e Kant entendem, em direções opostas, o elemento racional e não racional da idéia do divino.

É um trabalho filosófico que procura guardar o rigor da disciplina e da natureza do trabalho de uma dissertação de mestrado. Objeto bem definido e limitado, que interessa aos especialistas no assunto.

JBL